

Adaptação da criança na educação infantil *estratégias docentes em uma escola municipal*

Maria Joseane Soares Rodrigues¹ 
Universidade Estadual do Ceará, UECE
Sahmaroni Rodrigues de Olinda² 
Universidade Estadual do Ceará, UECE

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar como se dá o processo de adaptação da criança na educação infantil. Para isso, o estudo abordou o processo de adaptação de crianças na educação infantil em uma escola da rede municipal de Itapipoca localizadas no distrito Deserto. Como referencial teórico, embasamo-nos em autores como Andrade (2016) e Guarnieri; Mazon (2017). Como instrumentos de coleta, utilizamos questionário constituído por 6 questões para as famílias, e entrevista com as professoras, cujos áudios foram transcritos, além de observação documentada em diário de campo. Como conclusão, percebe-se que a adaptação geralmente é algo extremamente doloroso para todos os lados envolvidos, e que cada criança se porta de modo singular, fazendo-se imprescindível uma parceria real entre famílias e todos os sujeitos escolares na acolhida de crianças.

Palavras-chave: Educação infantil. Estratégias docentes. Acolhimento. Adaptação.

Adaptation of the child in early childhood education teaching strategies in a municipal school

Abstract: This paper aims to analyze how is the process of adaptation of children into childhood education. For this, the study approached the process of adaptation of children into childhood education in a municipal school of Itapipoca, located in the Deserto district. For theoretical reference, we based the study on authors such as Andrade (2016) and Guarnieri; Mazon (2017). For data collection, we used a survey form with 6 questions for the families, along interviews with the teachers, which were transcribed, as well as observation documented in a field diary. In conclusion, we can see that adaptation is usually something extremely painful for all people involved, and that each child behaves in a singular manner, making it crucial to develop a real partnership between families and the educational community in welcoming the children.

Keywords: Childhood education. Teaching strategies. Welcoming. Adaptation.

Adaptación del niño en la educación infantil estrategias didácticas en una escuela municipal

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, UECE,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2956-4881>, e-mail: maria.josiane@aluno.uece.br.

² Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC)/Université Paris 13 Sorbonne/Nord. Pesquisador integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Didática e Formação Docente (GEPED-UFC) e do grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (Auto)biográficas (DIAFHNA - UFC). Docente do curso de Pedagogia FACEDI- UECE/Itapipoca,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4820-6134>, e-mail: sahmaroni.rodrigues@uece.br.

Resumen: El propósito de este artículo es analizar cómo se produce el proceso de adaptación del niño en la educación infantil. Para eso, el estudio abordó el proceso de adaptación de los niños en la educación inicial en una escuela de la red municipal de Itapipoca ubicada en el distrito de Deserto. Como marco teórico nos basamos en autores como Andrade (2016) y Guarnieri; Amazonas (2017). Como instrumentos de recolección se utilizó un cuestionario compuesto por 6 preguntas para las familias, y entrevistas a los docentes, cuyos audios fueron transcritos, además de la observación documentada en un diario de campo. En conclusión, está claro que la adaptación suele ser algo extremadamente doloroso para todas las partes involucradas, y que cada niño se comporta de manera única, por lo que es imprescindible una verdadera colaboración entre las familias y todos los sujetos escolares en la acogida de los niños.

Palabras-clave: Educación infantil. Estrategias de enseñanza. Recepción. Adaptación.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é oriundo da monografia intitulada “A chegada da criança na educação infantil: processo de adaptação e estratégias pedagógicas de docentes no distrito de Deserto, Itapipoca – CE” (OLINDA, 2022), cujo objetivo geral foi analisar como se dá o processo de adaptação da criança na educação infantil visando construir conhecimentos que contribua para qualificar uma melhor prática docente, como objetivos específicos: Analisar o comportamento das crianças nos primeiros dias de aula quando adentram a educação infantil; Refletir como as professoras lidam com essa situação; Observar quais estratégias as educadoras utilizam para que as crianças sintam-se confortáveis ao ambiente.

Para isso, optou-se por uma pesquisa qualitativa que se utilizou de instrumentos de coleta de dados como entrevista, questionário e observação participante registrada em diário de campo. A pesquisa aconteceu no distrito Deserto, em duas escolas de educação infantil, entretanto, pelas dimensões possíveis neste texto, relataremos dados coletados em apenas uma das escolas pesquisadas, aqui apresentada como escola 2.

Deste modo, o presente texto tem como objetivo analisar como se dá o processo de adaptação da criança na educação infantil. Como categorias de análise, aprofundamo-nos na concepção de educação infantil baseando-nos em documentos norteadores para a educação infantil (BRASIL 1998, 2010) e nas contribuições de alguns autores como Ramos (2010); Raimundo (2017); Oliveira (2007), dentre outros. Optou-se pela categoria adaptação escolar, compreendendo que o processo de adaptação envolve não somente as crianças, mas os pais e professores, enfim, toda a comunidade escolar (RAIMUNDO, 2017; GUARNIERI, MAZON, 2017).

2 METODOLOGIA

A presente proposta de investigação faz uso da pesquisa de cunho qualitativo para que se compreenda minhas inquietudes em relação ao tema. Este método de investigação, consiste em aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centralizando a compreensão das dinâmicas das relações sociais. Para Silveira e Córdova (2009) os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos, buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificar os valores e as trocas simbólicas, nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Utilizamos a pesquisa de campo que, de acordo com (BASTOS 2006, p. 35), “possibilita a reformulação dos caminhos traçados, através das descobertas de novas pistas”. Desse modo, compreendemos que este tipo de pesquisa, possibilita ao investigador, uma vasta amplitude de descobertas a partir da realidade observada, permitindo-o construir conhecimentos a respeito da situação-problema.

Para obter os dados da pesquisa estabelecemos contato com a diretora da instituição pública situada no distrito Deserto, Itapipoca em seguida com as professoras e os pais. A fim de atingirmos nossos objetivos, temos como participantes as educadoras e as famílias das crianças. Em respeito às normas éticas da pesquisa, os participantes têm seus nomes preservados e são adotados nomes fictícios para os mesmos. A instituição foi nomeada como Escola II afim de manter sua identidade em anonimato.

As técnicas usadas para recolher os dados foram entrevistas com as profissionais de educação para que explicitassem que estratégias usavam para facilitar esse momento de inserção da criança à educação infantil e questionário com os pais buscando compreender o que eles entendem por esse processo. O primeiro passo para recolha de dados foram as observações que “constitui elemento fundamental para a pesquisa desde a formulação do problema passando pela construção de hipóteses, coleta, análises e interpretação de dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa” (GIL,1999, p.100).

O segundo passo pra recolha de dados, foram os questionários respondidos pelos pais que segundo Gil (1999, p.128) “pode ser definido como a técnica de investigação

composta por um número mais ou menos elevado decisões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas e etc.” Comprendemos assim, que esta técnica é de suma importância, uma vez que servirá para coletar as informações da realidade.

Posteriormente usamos a entrevista com as professoras onde foram gravadas e em seguida transcritas para o diário de campo. O diário de campo foi utilizado para auxiliar na investigação e segundo Macedo (2010) é utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão de significados que os atores sociais dão a situação vivida. Dessa forma, para o pesquisador, o diário de campo tem como objetivo, registrar em tempo real atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo da pesquisa. O diário de campo nos permite um campo de reflexão de nossas práticas de pesquisa, possibilitando-nos ainda, captar fatos que ocorrem no cotidiano da pesquisa. Optamos por fazer o uso do gravador por nos permitir ter acesso real à fala do entrevistado.

Antes do início da entrevista com as educadoras que aconteceram após a saída das crianças, procuramos enfatizar a importância de suas falas para o seguinte estudo, explicamos ainda que faríamos uso do gravador. Quando o ambiente estava totalmente tranquilo, livre de ruídos e percebi que a professora estava à vontade iniciamos a entrevista. Entende-se que o uso do gravador tem suas vantagens e também suas desvantagens pois como apontam Lüdke e André (1986):

A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistado livre para prestar toda sua atenção ao entrevistado. Por outro lado ela só registra as expressões orais, deixando de lado as expressões faciais, os gestos, às mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados, um fator constrangedor. Nem todos se mantêm inteiramente à vontade e naturais ao ter sua fala gravada. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 37).

Ao término das entrevistas iniciamos a transcrição das mesmas para preservar a fala dos participantes. De acordo com Szymanky et al. (2001), o pesquisador ao transcrever a entrevista revive e relembra o processo realizado e analisa preliminarmente os dados recolhidos. “A análise de dados implica a compreensão da maneira como o fenômeno se

insere no contexto a qual faz parte. Este inclui interrupções, clima emocional, imprevistos, e a introdução de novos elementos”. (SZYMANSKY *et al* 2001, p.158).

Acreditamos que por meio dos instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa foi possível compreender mais de perto o processo de adaptação nas referidas escolas sob as perspectivas das educadoras, das famílias e da instituição esclarecendo quais práticas são adotadas para amenizar esse processo e averiguando se existe parceria entre instituição e família.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos nossa pesquisa na Escola II no ano de 2020. Localizada no distrito Deserto, Itapipoca/CE, a escola atualmente conta com oito salas de aula, uma sala de professores, uma Secretaria, Diretoria, um refeitório, um auditório, uma quadra esportiva e dois banheiros. A escola atende a famílias de baixa renda e atualmente atende a dois turnos manhã/tarde.

Chegamos à escola no início do ano letivo e nosso primeiro contato foi com a diretora Anna, quando expliquei a intenção sobre a pesquisa. Ela nos recebeu muito bem, e nos levou até a professora Maria, responsável pela turma. A diretora enfatizou os objetivos da pesquisa e a professora também nos fez sentir à vontade. A turma contava com 23 crianças matriculadas com faixa etária de 3 anos.

Sobre a estrutura da sala de aula observada, podemos afirmar que era bem ampla, ventilada, tinha um banheiro e uma sala onde o armário da professora estava, e também onde eram guardados os brinquedos das crianças. Com relação à rotina, percebemos um pouco de dificuldade da professora, e na segunda semana, a turma ainda estava bem dispersa das atividades que ela propunha.

Somente na terceira semana ela começou a estabelecer a rotina. As crianças chegavam, sentavam em círculos no chão e a professora começava a cantar, em seguida lia a história de um livro, e após isso as crianças iam até a mesa para realizarem a atividade de pintura. Aproximando-se a hora do lanche, a professora levava as crianças até o banheiro para a higienização das mãos. Depois do lanche, elas brincavam uma brincadeira livre até a

hora dos pais retornarem. Percebi que a professora não realizava a hora do descanso com as crianças. Na escola em questão também não havia ninguém na portaria para receber as crianças.

Para garantir o direito à educação das crianças, faz-se necessário antes de tudo ter um bom planejamento, pois de acordo com o RCNEI (1998), a organização das atividades e da rotina também deve fazer parte do planejamento da acolhida dos alunos, objetivando agradar as crianças, diante de seus desejos e necessidades.

O professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas. Ambientes organizados com material de pintura, desenho e modelagem, brinquedos de casinha, baldes, pás, areia e água etc., são boas estratégias. (RCNEI, 1998, p.82).

A primeira semana de adaptação ocorreu entre os dias 03 a 07 de fevereiro de 2020 com duração diária de 3 horas. Os pais levavam as crianças às sete horas da manhã e retornavam às dez horas. No primeiro dia, a professora levou a turma pra conhecer o parquinho da escola, lá eles brincaram, se divertiram, e em seguida ficaram livres pra brincar na quadra, sendo notória a felicidade transbordando no rosto das crianças. Sentimos que a maioria encontrou ali um lugar de segurança e diversão. Porém, algumas crianças não saíram do lado da mãe, já que algumas permaneceram o tempo todo na escola.

Logo no primeiro dia, uma mãe afirmou que não tem coragem de deixar seu filho lá sem a presença dela. Mais uma vez percebemos o quanto é difícil para os pais, que conhecem bem a realidade de seus filhos, permitirem, aceitarem essa nova realidade, mesmo sabendo que isso vai cooperar para o desenvolvimento deles.

Na primeira semana de adaptação, diferente do que imaginávamos encontrar, a turma estava bem tranquila, apenas 5 crianças choravam. Diferente da outra escola (OLINDA, 2022), percebemos que nesta, a professora não contava com a ajuda de ninguém e tinha que lidar com as 23 crianças sozinha. O que pudemos observar é que três mães permaneciam na escola, e com isso auxiliavam a professora. No entanto, a professora acredita que a

permanência delas acabou atrapalhado a partir da terceira semana, pois seus filhos não queriam sair do seu lado e também não obedeciam aos seus comandos.

A professora tentava entrar na rotina com toda a turma e não estava conseguindo. Enfatiza-se ainda que essas três crianças cujas mães permaneciam, já não choravam tanto, apenas quando percebiam que a mãe havia saído, depois elas entravam normalmente na rotina. Então de fato a presença delas já não precisava ser constante como na primeira semana.

Como vimos anteriormente, algumas crianças demoram mais tempo que outras para se sentirem confortáveis à um novo espaço (MARANHÃO, SARTI, 2008), entretanto estas as quais fazemos referência entravam rapidamente e participavam de forma ativa após a ausência de seus responsáveis. Com isso vemos que também é importante os pais observarem o momento oportuno em que já podem se retirar do ambiente para não interferir de forma negativa no desenvolvimento da criança.

Na última semana de observação, apenas duas crianças continuavam chorando ao sentir a falta da mãe, porém, depois se envolviam na aula e o choro cessava. No decorrer da quarta semana, levamos os questionários e explicamos aos pais que do que se tratava pedindo-lhes que os respondessem, e quem pudesse poderia nos devolver no dia seguinte, mas dos 23 questionários obtivemos retorno de apenas 12. Lembramos aos pais durante toda a semana, porém não obtivemos êxito, realmente muitos não quiseram ou puderam dar sua contribuição.

Em relação ao questionário aplicado junto aos pais, nossa primeira pergunta referia-se ao motivo pela escolha da escola. Para tal questão, a maioria das mães afirmam que a escolha foi devido ao preparo do quadro de profissionais. Algumas mães que demonstraram ter confiança na instituição e professora demonstraram que já as conheciam. Sobre essa questão Maranhão e Sarti (2008) asseguram que:

Quando os pais decidem compartilhar o cuidado e a educação de um filho com profissionais de uma creche, partem do conhecimento que possuem sobre a instituição, seja pelo contato direto com esse tipo de serviço, seja com base no que ouviram das pessoas que compõem sua rede de sociabilidade (MARANHÃO; SARTI, 2008, p.173-174).

Ao indagar se as crianças choraram e quais os possíveis motivos, obtemos algumas respostas, “Ele nunca chorou, em nenhum dia, eu foi que chorei por ter que deixar ele”. Outra mãe relata: “Ela geralmente não gosta de ficar com quem não conhece, acho ela uma pessoa difícil de fazer amizades”. Uma salienta que a criança ficou aflita: “ Ele ficou muito aflito e não queria sair de perto de mim, não me soltava nem um minuto”.

Aqui vemos que cada criança tem seu próprio tempo, e de acordo com Andrade (2016) apesar da maioria das crianças reagirem à separação dos pais no período de adaptação de forma estressante, há casos em que as crianças conseguem vivenciar esse momento com tranquilidade e diversão, pois podem ter sido preparadas pela família para esse momento, ou pode haver algum irmão que já frequentava a escola e por isso aguardava com ansiedade viver essa experiência, ou ainda, pode ser uma criança que tem facilidade em se adaptar a novos ambientes e consegue lidar melhor com a separação.

Ao questionar aos pais se acham adequado como a escola recebe as crianças, a maioria se sente satisfeita e aponta qualidades na professora como sendo atenciosa, cuidadosa, gentil, sorridente, paciente. Entretanto, elas direcionaram à resposta à professora ao explicitarem suas qualidades, e não à instituição. Mais uma vez, parece que não cabe a toda a instituição acolher bem as crianças neste momento, e tudo fica por conta da docente, que precisa “se virar” e “dar conta” de todas as crianças e suas diferentes demandas.

As demais mães citaram que necessitava melhoras nesse acolhimento, porém, não especificaram quais mudanças seriam essas que gostariam de ver. Pudemos observar que muitas mães se sentiram seguras e felizes com a postura da professora e depositaram total confiança, e a educadora conseguiu adotar medidas simples, porém, muito afetuosas e as inseguranças que as crianças traziam consigo num primeiro momento foram aos poucos se transformando em conquistas com o passar do tempo.

A afetividade é um dos fatores cruciais na questão da adaptação pois cria laços profundos com as crianças, à medida em que suas expectativas são correspondidas. Para Raimundo (2017), é preciso que os educadores estejam atentos às reações das crianças e de seus familiares, disponíveis para construir novos vínculos e preparados para acolher toda a gama de sentimentos que este processo pode aflorar, inclusive, neles mesmos.

Ao questionar aos pais sobre que melhorias eles consideravam necessárias para um bom acolhimento das crianças, uma mãe exemplifica que “o espaço deve ser mais colorido pra chamar atenção das crianças”. Outra mãe atenta para um local de descanso quando afirma ser preciso: “Ter um lugar pra eles descansar porque eles ficam muito estressados”. Já outra mãe descreve a melhoria no ambiente: “Eu acho que deveria melhorar o ambiente onde as crianças ficam, salas mais arejadas, mais equipadas com todos os materiais necessários para a higienização das crianças e um local para elas repousarem”.

O que percebemos é que mesmo diante de tantos direitos que deveriam ser assegurados como uma escola de qualidade, é notório que esses direitos são feridos quando nos deparamos com salas sem os equipamentos necessários para atender às reais necessidades das nossas crianças. O retrato de política atual precisa pensar e repensar sobre a qualidade e estrutura das nossas escolas públicas, e de fato oferecer uma boa infraestrutura e recursos adequados para propiciar à criança seu amplo desenvolvimento, como previstos em documentos norteadores:

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses. [...] Há necessidade de uma infraestrutura e de formas de funcionamento da instituição que garantam ao espaço físico a adequada conservação, acessibilidade, estética, ventilação, insolação, luminosidade, acústica, higiene, segurança e dimensões em relação ao tamanho dos grupos e ao tipo de atividades realizadas (BRASIL, 2010, p. 91).

É necessário que o Município cumpra com suas obrigações de oferecer uma estrutura adequada para essas instituições para que essas crianças não tenham seus direitos feridos, e que possam desenvolver-se com qualidade. Com relação ao espaço escolar na educação infantil, Faria (2003, p.79) afirma que estes:

[...] devem permitir também a realização de atividades individuais, em pequenos e em grandes grupos, com e sem adultos(s); atividades de concentração, de folia, de fantasia; atividades para movimentos de todo tipo, propiciando a emersão de todas as dimensões humanas que as crianças têm em casa e/ou vão ter na escola, destacando principalmente o direito ao não trabalho, o direito à brincadeira, enfim o direito a infância.

Compreende-se assim, que este espaço deve propiciar o acesso livre e total das crianças com o ambiente uma vez que essa exploração contribuirá para o desenvolvimento pleno desses sujeitos. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário antes de tudo que esteja adequado para atender as necessidades básicas de cada criança.

Diante das respostas acima, vemos que a maioria das mães vê a necessidade de uma sala mais equipada mais preparada para receber essas crianças. Mesmo a sala sendo um pouco ampla, é notório que as mães sentem falta de algo mais atrativo e que chamem a atenção das crianças. Como as mães relataram, sentem ainda a falta de um local para as crianças descansarem e durante o mês de pesquisa não foram feitos momentos de descanso com as crianças.

Foi muito citado também a questão de poucos brinquedos disponíveis para a turma o que muitas vezes gerava atrito entre as crianças, e a falta de alguém pra auxiliar a professora, já que a mesma tinha que lidar com um total de 23 crianças sem contar com a ajuda de outros profissionais da escola. Segundo Strenzel (2002), a baixa qualidade da creche pode resultar em ansiedade e aumento de estresse nos pais. Por outro lado, quanto maior a satisfação da mãe com o cuidado dispensado, menor a sua apreensão em colocar e manter a criança na creche.

Em conversa com a educadora sobre o número de crianças que ela teria que lidar sozinha ela relata:

O número excessivo de crianças para somente uma professora é um fator muito preocupante, pois a gente acaba não dando atenção necessária que elas necessitam. E nessa fase, nesse primeiro momento é mais difícil ainda, porque é um período em que existem muito choro, muita recusa por ser um momento novo pra eles. (Professora Maria).

Diante do exposto, conclui-se que a educadora, considera importante acolher as crianças, oferecer-lhes carinho, atenção na tentativa de passar-lhes confiança. Suas falas dialogam com Guarnieri e Mazon (2017) quando estes sugerem que a relação afetiva com o outro que possibilita à criança se sentir segura para explorar o ambiente novo que a escola representa”. Nesse sentido Oliveira (2007, p. 127) orienta” (...) Acolher adequadamente a criança exige que se tenha um trabalho coletivo em que todos empenhem em organizar o espaço e a estrutura da escola, visando atender as necessidades infantis”.

Deste modo, ressaltamos a solidão dessa professora em dar conta de atender e cumprir os direitos das crianças a uma educação de qualidade, que passa pelo afeto, e a necessidade que esta garantia – inclusive na qualidade afetiva – seja manifestada por todas e todos que atuam na escola em parceria com as famílias: trata-se de um trabalho que precisa ser coletivo.

No decorrer dos dias em que se deram a pesquisa, fomos levantando alguns questionamentos no momento em que a professora lecionava e ao questioná-la sobre quais as maiores dificuldades que ela encontrava durante esse período ela enfatizou que:

Sempre tem muito choro né, essa turma até que tá boa porque já imaginou vinte e três crianças chorando ao mesmo tempo né? Acho que a maior dificuldade é essa mesmo porque é um processo até pararem de chorar, algumas crianças não querem comer, nem água bebem, e muitas ficam até doentes que foi o caso da menina que acabou vomitando aqui. A gente tem que ir aos poucos ganhando a confiança deles, depois que eles acostumam é muito bom, é tia pra cá, tia pra lá, mas é um processo que exige paciência (Professora Maria).

No último dia de observação, explicamos à professora que gostaríamos de gravar uma entrevista com ela, como fora previsto. Esperamos todas as mães e alunos saírem e iniciamos nossa entrevista. Ao questioná-la sobre quais fatores poderiam facilitar o processo de adaptação da criança na rotina escolar, a docente falou que é necessário o uso de recursos pedagógicos além de carinho e atenção. Com relação à fala da professora, pode-se perceber que ela relata o uso dos recursos pedagógicos como facilitador nesse processo. Sabemos que de fato são de suma importância uma vez que auxiliam na aprendizagem e também na socialização das crianças.

A educadora ainda salienta que existem poucos recursos para elas trabalharem com as crianças.

Os recursos também são bem escassos, esse livro de história é meu, sempre tento trazer algo diferente porque os que tem aqui não são muitos atrativos. como você pode ver até os brinquedos são poucos só existem esses aí espalhados que você tá vendo, e tem uns brinquedos que não chamam atenção das crianças, aquele que é mais bonitinho causa briga entre eles porque todos querem. Eu tento dar o melhor de mim, mas nem sempre trabalhamos do jeito que temos vontade porque nos falta o básico. (Professora Maria)

De acordo com Freitas (2007), entende-se por recursos didáticos todos os componentes do ambiente de aprendizagem que visam estimular e aproximar o aluno do conteúdo a ser estudado, nesse caso de forma lúdica e através de brincadeiras. Nessa perspectiva, os recursos e materiais didáticos se constituem como facilitadores da relação professor-aluno.

Segundo Strenzel (2002), a organização do espaço escolar deve ser pensada tendo como princípio oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para a criança, isto é, um lugar onde as crianças possam brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se assim estimuladas e independentes. Assim sendo, compreendemos que este lugar deve propiciar o acesso livre e total com o ambiente uma vez que esta exploração contribuirá para o desenvolvimento plenos desses sujeitos.

Quando indagada sobre a ocorrência de pais que contribuíram negativamente para a adaptação de seus filhos a educadora responde:

Assim, nos primeiros dias é normal eles ficarem aqui, eu até digo pra eles, que se eles puderem fiquem até o final com os filhos, porque entendo que muitos tem ocupação, uns chegam, e jogam as crianças aqui e vão embora nem apresentam pra criança que eu sou a professora, não fazem nenhum tipo de mediação entende? Os que ficam, eu oriento a ir conversando com os filhos, mostrando o espaço né, só que no decorrer dos dias algumas mães querem permanecer o tempo todo com as crianças e eu sinto que isso atrapalha um pouco. As vezes as crianças estão tranquilas aqui comigo, interagindo aí do nada a mãe aparece e eles começam a chorar, então não vejo isso de forma positiva. Mas tudo tem que ser dosado acho que os pais não podem praticamente abandonar o filho aqui, mas também tem que entender a hora certa de ir se afastando, senão a criança não vai conseguir confiar na gente (Professora Maria).

Entende-se a preocupação da professora em relação não a permanência, mas sim a interferência de algumas mães, pois elas saíam da sala em momentos de distração dos seus filhos e quando eles percebiam ficavam desconfortáveis e choravam, porém, o choro logo cessava, e eles começavam a se enturmar brincar socializar com as outras crianças. Nesse tempo, as mães apareciam no portão e as crianças começavam a chorar novamente, e não queriam permanecer brincando com os colegas.

Percebeu-se que isso dificultou ainda mais e a professora apesar de não estar conseguindo entrar na rotina, não reclamava por esse comportamento dos pais. Alguns

autores (YUSTE, 2017) defendem que essas saídas podem ser dadas de forma gradativa, a mãe pode dizer por exemplo que vai ao banheiro e já volta e realmente voltar, até que a criança se sinta segura no ambiente, pois caso contrário, quando a mãe sai escondida, acaba gerando um sentimento de medo, insegurança e abandono na criança.

Para Yuste (2017), a presença da mãe, do pai, ou de outro familiar com a criança é um ponto importante para ajudá-la na exploração desse ambiente cheio de novidades, e na interação dela com as outras crianças e com as educadoras. No entanto, essa permanência da mãe na creche não deve ser prolongada para não dificultar o processo de separação. Assim o ideal é que a mãe consiga “aceitar seu papel de observadora participante” (Rapoport, 2014, p. 55) e não interfira “na relação que deverá ser construída entre a educadora e seu filho” para não causar dificuldades.

O que se pode perceber é que em ambas as escolas estudadas em nosso processo de pesquisa não há uma pré-organização de como farão a adaptação da criança. A família vai à escola, faz a matrícula, entretanto, não é incentivada, por exemplo, a levar as crianças para conhecer o novo espaço da qual farão parte. Não eram feitas reuniões para esclarecer qualquer dúvida dos pais e nem entregue fichas para saber informações pessoais da criança como, por exemplo, se ela é alérgica a algum alimento, se faz uso de medicamento, essas, sem dúvidas, são informações imprescindíveis que fazem uma enorme diferença não apenas no período de inserção, mas durante sua vida escolar na instituição.

Esta investigação deixa evidente que há dificuldades de diálogo entre instituição e famílias comprovando também que as famílias não são acolhidas como deveriam, pois, defendemos que “acolher aos familiares da criança implica garantir o conhecimento sobre as propostas pedagógicas das instituições, além de permitir e incentivar que os pais discutam, opinem e participem da elaboração dessas propostas e cooperem para o alcance dos objetivos educacionais” (OLIVEIRA, 2007, p. 217).

As maiores dificuldades enfrentadas no período de que as professoras elucidaram foram o choro infantil, a recusa pelos alimentos, insegurança que os pais transmitiam para as crianças, permanência dos pais de forma prolongada e doenças como febre e vômito.

Sobre como as crianças adentram a educação infantil o que fica entendido é que cada uma possui seu modo singular de se comportar à uma nova situação. Nas turmas analisadas,

a maioria das crianças eram bem suscetíveis à realização de atividades, obedeciam aos comandos da professora, não se retraíram nos primeiros momentos e participavam ativamente das brincadeiras ou atividades propostas.

Ficou evidente que poucas crianças tiveram dificuldades com relação à inserção na creche, e demonstraram seus sentimentos através do choro, com recusa pela alimentação, apresentando doenças e algumas ficaram quietas, retraídas isoladas em lugar específico da sala recusando-se também a participar de atividades. A intensidade com que cada um vai experimentar, ou a forma como vai atravessar esse período, vai depender dos aspectos particulares de cada personalidade participante do processo e, também, da dinâmica familiar. “Um fato a ser admitido é que essa separação é algo inevitável na vida de cada um de nós e, ainda que seja um processo doloroso, costuma trazer crescimento para todos os envolvidos” (DAVINI, 1999, p.45).

Sobre as estratégias que usam como subsídio nesse período, a docente elucidou que esse processo tem que ser dado muita atenção, carinho, colo e bastante conversa para que as crianças se sintam seguras e passem a ter confiança. Além disso, a educadora levava variedades de músicas e usava a TV para entretenimento das crianças na primeira semana afim de deixar o ambiente mais agradável para elas.

Em conversa com alguns pais, estes afirmaram que nunca haviam levado seus filhos à instituição e os poucos que levaram antes do ingresso das crianças é porque já tinham filhos maiores matriculados. No entanto, não tinham a preocupação de dizer às crianças que elas também um dia iriam fazer parte daquele ambiente. Infelizmente, essa falta de organização e de sensibilidade afeta diretamente as crianças e embora tenham documentos que norteiam como a instituição deve agir (BRASIL 1998; BRASIL, 2010), pouco se percebe isso na prática.

A professora tentava dar o seu melhor, preocupando-se em acolher ao mesmo tempo em que precisava dar aula, ainda que tivesse que lidar de fato sozinha por não ter uma professora de apoio. Diante do que foi explanado, é notório que muito precisa ser mudado para que alcancemos nosso objetivo de desenvolver enquanto profissionais de educação uma prática mais acolhedora com essas famílias e crianças, contudo, não podemos estagnar, desistir ao contrário devemos resistir, prosseguir em busca de sermos educadores que amam

a profissão capazes de fazer o que estiver ao alcance para buscar estratégias capazes de amenizar o doloroso processo de adaptação na vida das crianças, inclusive, cobrando do estado melhores condições de trabalho para que se possa efetivamente acolher as crianças neste momento desafiador que é sua entrada na escola.

4 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo analisar como se dá o processo de adaptação da criança na educação infantil visando construir conhecimentos que contribuam para qualificar uma melhor prática docente. Fez-se uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de questionário, entrevista e observação participante como instrumentos de coleta de dados, em uma escola no distrito Deserto, Itapipoca -CE.

Percebemos que a boa recepção das crianças no início da escolarização é comprometida pela má qualidade do espaço: faltam banheiros na escola pesquisada, a sala de aula se encontra deteriorada, faltam profissionais como porteiro para assegurar a circulação de pessoas conhecidas no interior da escola e conseqüente segurança das crianças. Além disso, percebemos que tudo fica sob responsabilidade da docente, ressaltando o descaso do poder público quanto a esta etapa da educação básica.

Este estudo possibilitou perceber que não existe fórmulas mágicas para encarar o período adaptativo da criança, tendo em vista que cada uma age de modo diferente, cada instituição tem suas regras e cada educador também se portam de modos singulares diante de tal situação. Percebe-se que o termo adaptação vem passando a ser considerado como um processo de socialização a ser construído entre todos os envolvidos (pais, crianças, professores e escola) através de um bom diálogo.

Entendemos que este estudo pode contribuir para a reflexão na formação inicial e continuada de docentes para esta etapa da educação básica, lançando luz sobre a necessidade de se pensar que a criança precisa ser bem acolhida no processo de adaptação à escolarização, e a necessidade de que haja engajamento de todos na escola para esta adaptação acontecer da melhor forma possível para a criança, bem como a necessidade de o poder público cumprir com o que é disposto nos instrumentos normativos que regulamentam esta etapa da educação tão importante, por se tratar da entrada da criança no processo de escolarização.

Referências

ANDRADE, Maria Ináuria Ferreira de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na educação infantil**. UNRGN, Natal-RN, 2016.

BASTOS, Núbia Maria Garcia. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. 4.ed. Fortaleza: Nacional, 2006.

BORGES, M. F.S. T.; SOUZA, R. C. (Org.) **A práxis na formação de educadores de Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília. 2010.

FARIA, Ana Lúcia G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Mariana (orgs). **Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores associados, 4ª edição, 2003, p.67-100.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Centro de educação a distância. Universidade de Brasília, 2007.

FREYTAG, Fabiane Fátima. **Adaptação na educação infantil uma questão de acolhimento**. URNERGS, Santa Rosa. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARNIERI, G.L; MAZON, M. **A adaptação e o acolhimento da criança na educação infantil: o papel da comunidade escolar**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2017.

LADWING, Vânia Kunzler; GOI, Rosalina Elizete Pires, SOUZA, Jânia Loines Gonçalves de. **Adaptação e acolhimento na Educação Infantil**. 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARANHÃO, Damaris Gomes; SARTI, Cynthia Andersen. Creche e família: uma parceria necessária. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 171-194, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000100008>. Acesso em: 20, nov., 2022.

OLINDA, Sahmaroni Rodrigues de. Relatos ecobio/gráficos de amozades: a terminologia como poética do pensamento e as literaturas subterrâneas. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.8, n.4, p.22894-22911, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/45923> (Acesso em 01.02.2022).

OLIVEIRA, Z.R. **Educação infantil fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAIMUNDO. Sabrina Borges. **Os desafios metodológicos da adaptação na educação infantil**: os primeiros dias de aula. Centro universitário do Sul de Minas- UNIS/MG. Varginha. 2017.

RAMOS, M, M Carolina, Anna. **A evolução histórica da educação infantil e suas políticas atuais**. 2006.

RAPOPORT, Andrea. A importância do período de adaptação. In: _____ et.al (Org). **O dia a dia na educação infantil**. 2ed. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 49-84.

SILVA, Maria Dalva Dutra; ALVES, Vanusa Sales Lima; BONFIM, Rosa Jussara: O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil: Um artigo original. **Anais do 3º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsona**. 2020; 1656-1670.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. Unidade 2, 2009.

SZYMANSKI, H; ALMEIDA, L.R; PRANDINI, C.A.R. Perspectivas para análises de entrevistas. **Psic. Da Educ.** São Paulo, 13, 2º sem. 2001, p. 151-169. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/32842>. Acesso em: 20, nov., 2022.

STRENZEL, Giandréa Reuss. Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer. In: **Revista Zero a Seis**. Seção Cotidiano na Educação Infantil. n. 6, agosto/dezembro 2002. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/15584>. Acesso em: 10, ago., 2019.

YUSTE, E.M.L. **Adaptação de crianças à creche**: uma comparação entre diferentes estratégias. UNICEUB. Faculdade de ciências da saúde- FACS. Brasília, dezembro 2017.

Recebido em: 12 de janeiro de 2023

Aceito em: 13 de janeiro de 2023

Publicado online em: 15 de janeiro de 2023